

## A estética é política.

Autora - Lílís Soares

*The Personal is Political* (pessoal é político) é um dos slogans feministas mais célebres dos anos 1970. É uma afirmação de que os problemas individuais das mulheres são resultado de sua classe política oprimida (Bonnie J.). É também este slogan que fará Bell Hooks nos propor a questionar nossa própria existência e percurso relacionando-os à história, e tendo no discurso de Sojourner Truth no *The Ohio Women's Rights Convention* (Conferência dos direitos das mulheres de Ohio), em 185, um marco no pensamento afrofeminista:

*(...) That man over there says that women need to be helped into carriages, and lifted over ditches, and to have the best place everywhere. Nobody ever helps me into carriages, or over mud-puddles, or gives me any best place! And ain't I a woman? Look at me! Look at my arm! I have ploughed and planted, and gathered into barns, and no man could head me! And ain't I a woman? I could work as much and eat as much as a man - when I could get it - and bear the lash as well! And ain't I a woman? I have borne thirteen children, and seen most all sold off to slavery, and when I cried out with my mother's grief, none but Jesus heard me! And ain't I a woman?(...)*

O feminismo negro fala então sobre a invisibilidade de mulheres negras na luta por direitos no movimento feminista. Passa-se a questionar o feminismo branco e afirmar a singularidade da vida, história e realidade sócio-política das mulheres negras. Ainda hoje, as reivindicações são muito parecidas destes movimentos de vanguarda e a reflexão sobre o lugar da mulher negra na sociedade e sua participação em funções de liderança se tornaram ainda mais urgente.

No cinema, pensar sobre questões de gênero é pensar, também, sobre questões de raça: em todo o mundo, estudos comprovam que as mulheres negras são o grupo com menos oportunidades em frente e por trás das câmeras, atrás não apenas dos homens brancos, mas também das mulheres brancas e dos homens negros. O último estudo publicado pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) sobre diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016 trouxe à tona dados que não surpreenderam : dentre todos os longas-metragens lançados em 2016, nenhum foi dirigido por uma mulher negra. Com relação à direção de fotografia, quando questionada, a presidente da Comissão de Gênero, Raça e Diversidade da ANCINE, Carolina Costa, disse também não ter registro.

Portanto faz-se importante o estudo da crescente participação de mulheres negras à frente da direção de fotografia. Mesmo que ainda em número muito pequeno, é importante observar se a maior participação deste grupo de pessoas trará, de fato, a possibilidade de mudanças de paradigmas sobre a construção da imagem no cinema.

“Eu quero que o meu olhar mude a realidade”, esta frase de Bell Hooks no livro *Olhares negros - raça e representação*, poderia guiar esse estudo. No entanto, seria um tanto quanto ingênuo achar que o olhar negro e feminino poderia mudar a realidade sem passar por um processo de reflexão sobre o olhar hegemônico do mundo ou sobre si mesmo. Além de se ter na realidade uma percepção múltipla e em constante transformação. A tal mudança, que acredito ser de ocupação e desenvolvimento de uma estética própria, passa por tensões sociais e políticas e, inevitavelmente, por uma revisão da própria existência (lembranças afetivas, infância e fatos importantes na formação de uma pessoa).

Tratando-se da espectadora negra, Bell Hooks cria uma base de pensamento e reflexão para o início da análise do lugar da mulher negra como criadora de imagem no cinema. O olhar opositor é o ponto de partida desta minha reflexão para se pensar as complexidades do processo de criação da mulher afrodiáspórica como diretora de fotografia.

Considerando a direção de fotografia como parte da criação da unidade estética de um filme (cor, movimento, perspectiva e decupagem), ou seja, tem nela embutidos códigos, signos e possibilidades de ressignificação do real, o olhar opositivo atua não como uma oposição à realidade, mas com um entendimento de que a mulher negra no seu processo criativo estético trará junto de si a recusa da própria invisibilidade e a visibilidade de todo o seu universo e história. Através da estética constrói-se uma mensagem que poderá perdurar por gerações e, quem sabe, ser compreendida no futuro como subversiva ou revolucionária. *The personal is aesthetics* (pessoal é estético).

É importante ocupar espaços, estar e se reconhecer neles. A necessidade de termos mais espaço na criação de imagens, me faz refletir na necessidade de pensar as imagens que eu crio como diretora de fotografia. Onde eu estou nelas? Como me colocar nelas? Quem sou eu inserida no contexto sócio-político atual?

Desde muito cedo a sensação de desconforto era presente. Demorei muito tempo para entender e reconhecer certos aspectos da origem do meu desconforto. Eu não gostava do que eu via no espelho e o espelho, ao contrário de Narciso, representava para mim algo que eu queria negar. Eu tinha vergonha do que eu via. Lembro bem da sensação de constrangimento. Eu ainda não tinha noção do que aquilo representava. O racismo possui raízes muito profundas no imaginário de gerações como a minha.

Stuart Hall em « Cultural Identity and Cinematic Representation » e Franz Fanon em « Peles Negras, máscaras brancas » nos faz refletir sobre o poder dessas representações criadas por um olhar hegemônico :

*(...) os movimentos, as atitudes, os olhares do Outro me fixaram ali, assim como uma solução química é fixada por um corante. Eu estava indignado; exigi uma explicação. Nada aconteceu. Explodi. Agora os fragmentos foram remontados por outro eu. Esse “olhar”, do – por assim dizer – lugar do Outro, nos fixa, não apenas em sua violência, hostilidade e agressão, mas na ambivalência do seu desejo.*

Lembro dos programas de tv, das revistas para meninas adolescentes, dos cliques. Por algum motivo, eu não estava lá. Aquele conteúdo não era criado para mim. As mulheres negras ou eram coadjuvantes ou sexualizadas ou estavam subexpostas (quanto mais escura a pele, menos visível). Muitas vezes, era tudo isso junto.

Minhas sensações foram mudando ao mesmo tempo que fui me distanciando do que eu tinha como referência. Tentei me nutrir ao máximo de novas experiências e ousei olhar para outros referenciais de beleza. O estudo de cinema e, mais especificamente, direção de fotografia me fez refletir sobre a potencialidade de se estar nesse lugar de criação e quantos obstáculos ainda seriam necessários enfrentar para que, enfim, eu pudesse ter um trabalho que impactasse o imaginário das pessoas, sejam negras ou brancas, homens ou mulheres. Queria eu ter sabido antes o quão bom é ser e me ver por inteiro.

*Desde que soube na infância que o poder dominador que os adultos exerciam sobre mim e o meu olhar nunca era tão absoluto a ponto de eu não ousar olhar, espiar, encarar perigosamente, eu*

*soube que os escravos haviam feito o mesmo. Que todas as tentativas de reprimir o poder nosso/das pessoas negras de olhar havia produzido em nós uma ânsia avassaladora de olhar, um desejo rebelde, um olhar opositivo. Ao termos coragem de olhar, nós desafiadoramente declaramos: “Eu não só vou olhar. Quero que meu olhar mude a realidade”.*

A necessidade de um olhar crítico da mulher negra na construção estética da imagem (mesmo em situações de precariedade estrutural e financeira de um projeto cinematográfico ou audiovisual) tem, portanto, um cunho político e social importante na construção do imaginário coletivo. Para possibilitar que muitas meninas negras enxerguem beleza e complexidade em sua própria imagem. Para que mulheres negras, com suas singularidades, possam contribuir na construção de um imaginário coletivo mais plural e valorizante de corpos negros.

Para entender mais profundamente a construção da imagem, há que se voltar aos estudos sobre a teoria da comunicação. Roman Jakobson, em *Linguistic and Poetics (1960)*, apresenta um esquema básico de comunicação : o destinador, o destinatário, a mensagem, o contexto ou referente, o código e o contato. Pensamos aqui na construção de imagem aplicada na direção de fotografia com a introdução de novos destinatários, novos códigos, novas mensagens e novos contextos.

A semiótica traz questões muito pertinentes do estudo da construção da imagem e sua percepção. Além disso, temos em « Camaradas do tempo », de Boris Groys, um boa reflexão sobre a temporalidade e a dilatação do tempo no processo criativo. O tempo presente no qual eu me proponho a criar imagens é baseado num contexto histórico, político e social, no qual o presente é ponto de transição do passado para o futuro, tornando-se o lugar de um re-escrever permanente tanto do passado como do futuro - de proliferações constantes de narrativas históricas para além de qualquer controle ou alcance individual. A ancestralidade, tão citada por Conceição Evaristo e tantas outras escritoras negras brasileiras ou estrangeiras, como Ana Maria Gonçalves, Djamila Ribeiro, Beatriz Nascimento, Chimamanda Ngozi Adichie, Grada Kilomba, Maya Angelou e Toni Morrison, estabelece uma noção de outro tempo criativo e perspectiva do mundo, baseado numa estética pouco visibilizada.

Acredita-se na diversidade como possibilidade da existência de uma pluralidade de olhares individuais. O pessoal se torna potência e também se impõe como estética. Falo aqui sobre mulheres negras mas podemos também fazer uma correlação com outros grupos ditos minoritários. O tal *New Gaze* é flexionado em número, gênero e raça.

Ainda não temos noção dos pactos estabelecidos para se conseguir fazer um pouco dessa tal revolução que parece perto dos nossos olhos. E ainda nessa geração estamos sujeitas a presenciar e ver muitas de nós negociando com aspectos inegociáveis afim de pertencer ou defender um código defasado. No entanto, há quem acredite na mudança e na ruptura, na criação de um novo.

Como diretora de fotografia, tenho em minhas mãos uma oportunidade incrível de visitar minhas raízes e explorar a fundo os códigos estéticos negros e afro diaspóricos. Podemos usar esta posição para mudar realidades, para criar outros olhares e narrativas. Isto não é novo. Muitos já fizeram isso antes na religião, na música, na moda. A estética é uma possibilidade de sobrevivência, de eternidade. É um legado. E eu, em minha função, tenho a possibilidade de não ser mais apenas uma espectadora. E, sim, de ser a criadora da minha própria narrativa.

A incrível escritora Conceição Evaristo disse:

*Já disse e gosto de dizer que a minha história é uma história perigosa, assim como a história daqueles que saem das classes populares, de uma subalternidade, e conseguem galgar outros espaços.*

Espero conseguir trazer nas imagens que eu crio estas reflexões e que estes filmes tenham a possibilidade de ser parte desta boa discussão sobre estética, política e tempo.